



Dom Timóteo e sua trajetória religiosa: de caminhos conservadores rumo à sua atuação progressista em Salvador (1928-1968)

EVA CARVALHO DOS ANJOS*

A realidade da Igreja Católica Apostólica Romana no século XX era de ausência de religiosidade e liturgia adaptadas a tantas nações e culturas onde atua. As reformas eram urgentes tendo em vista a perda considerável de fiéis ao longo dos tempos. Atenta ao curso da história, a Igreja providenciou sua ação e participação dos acontecimentos, após a II Guerra Mundial. As décadas seguintes foram repletas de ideologias opostas, impossíveis, na época de serem conciliadas, mesmo que buscassem à difícil missão de construção de um mundo novo, no qual novas guerras não deveriam existir, contudo havia a ameaça fria de guerra que pairou no ar por duas décadas.

Com avanço das idéias comunistas na segunda década do século XX, a Igreja Católica Apostólica Romana preparou-se para atuar num mundo repleto de mudanças tanto em suas estruturas como em sua fisionomia. No Brasil, esses fatos históricos influenciaram de tal modo que deixou marcas profundas na vida do País.

Com o objetivo de observar as mudanças de mentalidade e de atuação de alguns religiosos de formação tradicional que vivenciaram boa parte do século XX, selecionamos aspectos biográficos do abade do Mosteiro de São Bento da Bahia Dom Timóteo Anastácio tendo em vista o enquadramento do beneditino na proposta deste artigo. Em uma longa entrevista já como Dom Timóteo, o abade relatou aspectos de sua infância, sua vocação e as inquietações próprias da juventude e de sua geração.

Olha, eu sou um homem cuja existência está cobrindo o século XX...O século XX vem depois da revolução Russa e do fim da Primeira Guerra, que são os dois eventos históricos que estão muito entrelaçados um no outro. A minha infância foi dentro da “belle époque”, ainda no século passado. Você encontra a minha infância em qualquer romance de Machado de Assis, é o século passado, quer dizer, as famílias, os saraus, os docinhos, as festinhas, o trabalho. Mas não tinha uma perspectiva histórica, era um viver gostoso do dia-a-dia. Já quando veio a guerra e a revolução, o viver começou a parecer trágico, isso coincide com o alvorecer da minha adolescência, em 1920, 1921. Toda aquela inquietação que o mundo conheceu como uma nova era histórica no sentido de que era pra valer, que estava

mudando, que todos os valores anteriores, as situações e as montagens sociais, familiares, políticas etc estavam sendo modificadas.¹

Em Abril de 1973, Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athaíde um importante pensador católico, sociólogo, e crítico literário concedeu uma entrevista a Revista Manchete que trouxe aspectos interessantes na temática proposta. Quando perguntado sobre as diferenças e os pontos de aproximação entre a sua geração e os jovens dos anos 70 sua resposta definiu bem as incertezas dos seus contemporâneos.

A mocidade de hoje penetra nas coisas, desejosa de esgotar totalmente o conhecimento. Contrariamente a mocidade do meu tempo era muito desencantada. Eu e toda a minha geração, estávamos prematuramente envelhecidos, desanimados, citando a toda a hora a frase de Musset: Nous sommes vênus trop tard, dans un monde trop vieux, nós chegamos muito tarde a um mundo muito velho. Havia a idéia de que as grandes coisas já haviam acontecido, e que o mundo era apenas palco da mediocridade.²

Ainda nessa entrevista o autor falou sobre as influências do agitado fim de século e o marasmo intelectual de sua geração, também explanou sobre o egoísmo humano como potencializador de conflitos.

...Foi o desencanto das duas guerras mundiais. Na primeira, houve como que um outro fim do século XIX. Depois, a mobilização da guerra de 1939, e as revoluções. Tudo isso trouxe choque entre o desespero e a esperança, de maneira mais patética do que havia no meu tempo de moço.(...) A problemática de cada ser humano faz com que cada pessoa, hoje em dia, queira ser o centro do Universo, promovendo um dogmatismo individualista que entra em choque com o Universalismo. Daí os conflitos políticos que geram os processos de guerras e revoluções.³

A escolha desse intelectual não foi aleatória, além dele ter sido um pensador católico, ter vivido noventa anos (1893-1983), ou seja, boa parte do século XX, ele era primo de

*Universidade Estadual da Bahia – UNEB. Mestrado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local. Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

¹ Encarte especial da Revista História da Bahia – Nº 12, Março de 1989. Depoimento concedido a Sahada Mendes, Carlos Sarno, José Henrique Barreiro e Gustavo Falcón.

² Revista Manchete, nº 1100, Maio de 1973.

³ Idem

Regina Monteiro Amoroso Anastácio, a mãe do abade beneditino mencionado. Alceu Amoroso manteve correspondências com o primo de segundo grau durante toda a vida, a primeira delas tinha o convite do literato para Luiz Anastácio ir morar e trabalhar com ele como seu secretário na capital fluminense.

Em 1922 o advogado católico Jackson de Figueiredo fundou o Centro Dom Vital, instituição que estimulava a atuação de leigos e religiosos engajados no aprofundamento da doutrina católica. Com essa finalidade foi criada a revista *A Ordem*, para divulgação dos ideais da cristandade. O Centro e a revista atuaram no combate do liberalismo e do comunismo. Em 1928, a instituição carioca passou a ser dirigida pelo escritor católico Alceu de Amoroso Lima. É neste período que Luis Anastácio, o futuro Dom Timóteo foi seu secretário no Centro D. Vital, ele ficou responsável por suas correspondências, o acompanhava nas conferências, trabalhou juntamente com outras lideranças Católicas organizando a Coligação Católica Brasileira.

Em 1935, sob a inspiração do Cardeal Sebastião Leme da Silveira Cintra, do Rio de Janeiro e Arcebispo deste estado de 1930 a 1942, e sob orientação atenta do papa Pio IX foram institucionalizados oficialmente: a Ação Católica Brasileira (o órgão já atuava desde 1922), a Liga Eleitoral Católica e os Círculos Operários. O objetivo da criação de tais organizações era reunir leigos cristãos, no caso da Ação Católica, intelectuais renomados, dispostos a lutarem pelos ideais cristãos, a princípio, no sentido da “romanização”, segundo os padrões da Ação Católica italiana, de cunho fundamentalmente anticomunista.

Quando fundada oficialmente a Ação Católica Brasileira foi dirigida por Alceu Amoroso Lima. Os temas discutidos na instituição refletiam a inquietude dessa geração afim de soluções imediatas tanto para os problemas nacionais como para os conflitos pessoais que os afligiam, num mundo marcado pelo confronto de idéias. Com o curso dos acontecimentos, a comunidade intelectual da Ação Católica passou por grandes mudanças, o que provocou grandes divergências no seio da instituição. Em 1943 surgiu a partir de grupo radical dissidente a “Tradição, Família e Propriedade (TFP)”, que passou a fazer oposição à Ação Católica. No ano de 1947, quando o então Pe. Hélder Câmara foi nomeado assistente da Ação Católica, uma nova fase de sua atuação e história foi traçada.

A Ação Católica foi uma instituição criada em diversos países da Europa antes da Segunda Guerra, criada nos moldes “ver, julgar e agir”. Durante as décadas de 40 e 50 do século XX ficou conhecida por atuar em diversos seguimentos da Juventude, costuma-se dizer que ela criou o “A, E, I, O, U da Juventude Católica”: a JAC (Juventude Agrária Católica), a JEC (Juventude Estudantil Católica), a JIC (Juventude Independente Católica), a JOC (Juventude Operária Católica) e a JUC (Juventude Universitária Católica).

As grandes cidades tiveram mais a atuação da JEC e da JUC, visto que os maiores centros e complexos educacionais eram localizados nos grandes centros urbanos. Diversos colégios católicos, quase todos tinham os seus núcleos de JEC e até mesmo de JUC, os ex-alunos secundaristas retornavam aos seus colégios de formação em algumas atividades. Até mesmo nos colégios públicos tinham a JEC expressiva, em alguns casos havia grupos de JEC em cada turno e coordenação própria em cada escola.

A industrialização do país ocorreu também em áreas urbanas, portanto o alvo da JOC concentrava-se nas grandes cidades. Não foram raras às vezes que a Juventude Católica representada por esses três grupos se uniu na defesa de objetivos em comum. Podemos apontar o Golpe Militar de 1964 como o principal episódio de luta da Juventude Católica. Contudo, mesmo antes do Golpe de 64 alguns seguimentos da Juventude Católica com destaque para a JUC fundaram a Ação Popular (AP), instituição desvinculada da Igreja Católica que acabou por aceitar, no curso de sua evolução, a luta armada como forma de ação. Com o Regime Militar estabelecido AP teve suas ações e lideranças em sua maioria na clandestinidade, durante este período adotou o nome nitidamente revolucionário de Ação Popular Marxista-Leninista do Brasil.

Em diversas comunidades católicas no Brasil e no mundo ocorreu à busca de renovação e avivamento espiritual. Este caminho foi escolhido por Luiz Antônio em 1940, durante um retiro espiritual. Após um curso de cinco anos de formação tradicional e conservadora no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, tornou-se monge e adotou o nome de Timóteo. No início dos anos 1950, D. Hélder Câmara convidou o monge Timóteo para ser seu auxiliar.

A formação religiosa do beneditino foi acrescida de elementos liberais e humanitários voltados para os mais humildes. A convivência e trabalho ao lado de D. Hélder Câmara

influenciaram profundamente D. Timóteo, como afirmou: “Isso pra mim foi capital, pois o contato com Dom Hélder Câmara e suas ideias políticas e sociais me transformaram muito do ponto de vista político e social”. (OLIVEIRA, 2009:120). D. Hélder foi um sacerdote nordestino, que conhecia as carências do seu povo, “... pregava uma igreja simples voltada para os pobres e a não-violência. Por sua atuação, recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais foi indicado quatro vezes para o prêmio Nobel da Paz” (OLIVEIRA, 2009:121), estes são considerados por muitos pesquisadores na área da religião os fundamentos do pensamento progressista católico brasileiro.

O monge conviveu com equipes de leigos numa verdadeira cruzada humanista pelo país ao lado de D. Hélder a fim de reorganizar a Igreja no Brasil é nesse período que surge a Conferência Nacional dos Bispos – CNBB, em 1952. Não houve um doutrinamento por parte de D. Hélder, sua maneira de ver os problemas políticos é que fizeram a diferença:

A gente descobriu a dimensão coletiva da caridade, quer dizer do amor, do amor não apenas como transpessoal, mas também transpolítico, se assim pode se dizer. Não uma politização da fé, não se procurar uma nova tutela clerical da sociedade sendo esquerdista, mas é sentir a ignomínia da injustiça que está escravada nas estruturas da sociedade. Quer dizer, é como se o egoísmo humano e a exploração do homem se tornassem estrutura, se fizessem instituição.⁴

Em tempos de contemporaneidade, a Igreja Católica, embora permanecesse unitária, encontrava-se desarticulada, algo que comprometia sua estrutura porque as ações em prol de avivamento espiritual eram urgentes e o que havia eram ações isoladas. Em 1955 um novo salto para uma Igreja Católica atuante foi dado com a criação do Conselho Episcopal Latino Americano - CELAM, órgão que passou a promover a discussão de temas relevantes, o continente foi pioneiro em medidas integracionistas.

Após a leitura de algumas obras e entrevistas de pessoas que viveram boa parte do século XX, se tivéssemos que defini-lo em apenas uma palavra, seria: incerteza(s). A primeira metade do século passado foi repleta de ideologias, crises, revoluções e guerras que produziram grande instabilidade em todo mundo. O tempo parece ter sido acelerado, a

⁴Encarte especial da Revista História da Bahia – Nº 12, Março de 1989. Depoimento concedido a Sahada Mendes, Carlos Sarno, José Henrique Barreiro e Gustavo Falcón

chegada de continuas tecnologias e a expansão da mídia deram essa sensação às pessoas: de ter vivido tanta coisa em tão pouco tempo.

Ao longo da trajetória de vida religiosa o beneditino Timóteo exerceu alguns cargos, na maioria deles o monge tinha contado com a juventude e noviços, sobretudo tinha com seus anseios, talvez por esta influência, ele especializou-se em liturgia. No ano de 1963, ocupou o cargo de Sub-prior do Mosteiro e exerceu o cargo de Professor de Liturgia no Instituto Superior da Pastoral Catequética – ISPAC. Em 1965 foi Subsecretário no Secretariado Nacional de Liturgia da Conferência Nacional dos Bispos, neste mesmo ano ministrou conferência em Salvador pelo ISPAC no Colégio Nossa Senhora do Salete, este foi o primeiro contato com a capital soteropolitana e seus religiosos.

O ano de 1965 foi emblemático porque neste ano D. Timóteo assumiu a direção do Mosteiro de São Bento da Bahia, ano que foi encerrado o Concílio Vaticano II e que a ditadura militar completou seu primeiro ano com a estabilização do regime. A pesquisa em desenvolvimento: *A estreita relação de D. Timóteo com a cidade de Salvador (1965-1981)*⁵ visa compreender as mudanças e eventos que ocorreram no Brasil e no mundo durante a vida religiosa de D. Timóteo, sob seu olhar crítico e libertário, através da análise de documentos, jornais, cartas, poesias, homilias, livros, iconografia e documentários. O término do recorte temporal se dá com a sua saída da direção da abadia, em 1981.

O cenário baiano que D. Plácido Staeb, o abade antecessor de D. Timóteo e o Prior D. Jerônimo de Sá Cavalcante (que era quem de fato estava à frente do Mosteiro de S. Bento em virtude do delicado estado de saúde do abade) se deparavam era de grande instabilidade. Em 1964 um golpe militar tomou o poder, atentou contra a democracia e a constituição nacional por vinte e um anos. O apoio da grande maioria das lideranças católicas ao golpe militar ocorreu devido às supostas aproximações do governo de João Goulart com o comunismo.

As *Marchas da Família com Deus*⁶ foram manifestações que utilizaram todas as mídias em suas divulgações, as famílias católicas marcharam em diversas capitais em defesa

⁵ Título da Pesquisa Mestrado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da UNEB. Pesquisa financiada pela FAPESB.

⁶ A TARDE, 13 de abril 1964 - *Marcha da Família com Deus*.

da sociedade cristã e seus alicerces: “Deus, Pátria e Família”⁷. Uma das maiores ocorreu na Bahia com o apoio de diversos setores da sociedade liderados pela Igreja Católica.

Poucos dias após o golpe, o cardeal dom Álvaro Augusto da Silva oficiava um Te Deum e liderava uma “Marcha da Família com Deus pela Democracia”, do terreiro de Jesus até o Campo Grande, como agradecimento a Deus e aos comandantes militares pela salvação do país da “ameaça comunista”. Tal ato contou com o apoio ativo da deputada estadual Ana Oliveira, primeira mulher a presidir uma sessão da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, destacada arregimentadora do público feminino para a oposição ao Governo Goulart e as reformas de base, denunciadora das pretensas ações “dissolventes” e “subversivas” do “comunistas” na vida social e política baiana. (FERREIRA, ? :7)

Em 1964, a incerteza e a apreensão tomaram conta de todo o país foram fechadas entidades estudantis, sindicatos, redações de jornais, etc., muitos integrantes dessas organizações foram perseguidos e presos pela chamada “operação limpeza”. As forças de oposição perderam, então, seus canais mais expressivos de atuação. Por esta razão, um dos maiores alvos dos golpistas e foi o Movimento Estudantil. No meio religioso não foi diferente, não se sabia a dimensão do Golpe Civil-Militar. As lideranças católicas, até mesmo monges e padres eram chamados a se posicionar diante da nova forma de governo.

Eu me lembro que em um dos primeiros momentos do golpe de 64, eu não estava torcendo pelo golpe mas estava com medo da situação que o golpe pretendeu corrigir, então havia uma certa convivência mais ou menos secreta com o golpe, eu me lembro que eu era monge lá no Rio, ao lado da Ilha das Cobras, aquelas movimentações de marinheiros revoltados me fazia um medo danado. Eu participei do medo, o medo tem um papel enorme, o medo da guarda, das seguranças próprias.⁸

O monge beneditino relatou nessa entrevista que o Mosteiro do qual fazia parte, enquanto comunidade conservadora que era estava solidária de modo geral com golpe. O conteúdo dos seus sermões no Rio de Janeiro ainda não são conhecidos, sabe-se, porém, que o religioso era mau visto pelas autoridades militares. No ano seguinte surgiu o convite, após uma viagem a Salvador para ser abade do Mosteiro Soteropolitano.

⁷ Título do Livro: SIMÕES, Solange. *Deus, Pátria e Família – As Mulheres no Golpe de 64*. Petrópolis, Editora Vozes, 1985.

⁸ Encarte especial da Revista História da Bahia – Nº 12, Março de 1989. Depoimento concedido a Sahada Mendes, Carlos Sarno, José Henrique Barreiro e Gustavo Falcón.

... veio 65 eu senti que era uma voz que eu não podia me omitir, porque eram as vozes que estavam caladas à força e a minha ainda era respeitada, porque na Bahia, eles não tiveram a audácia, digamos, de prender um abade de beneditinos, que na hierarquia da Igreja tem uma posição um pouco digamos, parecida com a de bispo, na estrutura eclesiástica.⁹

Poucos meses após o primeiro aniversário do regime militar, D. Timóteo foi eleito septuagésimo sétimo Abade do Mosteiro de São Bento de Salvador. Em 1965 também foi encerrado o Concílio Vaticano II. Um dos motivos para escolha de D. Timóteo para a direção do Mosteiro de São Bento foi a sua especialização em liturgia. Foi na sua especialidade que ocorreram as primeiras mudanças. Quando assumiu a abadia, as missas passaram a ser realizadas em português, substituindo o latim, e os cânticos em português foram incorporados à celebração das missas.

O início de sua atuação foi marcado pela demonstração e prática de suas viagens, como pastor (como D. Timóteo mesmo se denominava) pelo Brasil, e o exercício prático das resoluções firmadas ao final do Concílio Vaticano II. Tanto sua pregação quanto as resoluções baseavam-se na pregação de um cristianismo e uma Igreja para os pobres, desamparados e excluídos.

O Auxiliar do arcebispo baiano, Dom Eugênio (que sucedeu D. Augusto no arcebispado) incumbiu o abade beneditino a desenvolver a aculturação da liturgia, ou seja a realização de um culto mais comprometido com a cultura local: “...o culto é de um povo, então, esse povo se exprime pela sua cultura, sua língua, suas melodias, seus gestos simbólicos.¹⁰”.

Durante o período que esteve à frente do Mosteiro de São Bento (1965-1981), D. Timóteo esteve envolvido em praticamente todos os episódios polêmicos que envolviam a Igreja Católica nas mais diversas temáticas do cenário baiano. Os sermões, a atuação e os posicionamentos de D. Timóteo tiveram grande repercussão. O primeiro acontecimento que tomou proporções nacionais foi a “A Missa do Morro”. O próprio nome já foi bastante incomum para a época e direto para quem ela se destinava.

⁹Idem.

¹⁰ Encarte especial da Revista História da Bahia – Nº 12, Março de 1989. Depoimento concedido a Sahada Mendes, Carlos Sarno, José Henrique Barreiro e Gustavo Falcón.

A Missa do Morro ocorreu em 11 de dezembro de 1965, realizada no Mosteiro de São Bento por Dom Timóteo, com exatos cinco dias após o encerramento do Concílio Vaticano II. O evento foi noticiado pelos jornais e setores conservadores da Igreja Católica foi cogitada por eles a vinda do Núncio Apostólico no Brasil para avaliar o motivo de tanto estardalhaço, uma missa celebrada ao som de berimbaus, pandeiros e atabaques, instrumentos tipicamente utilizados nas celebrações do Candomblé.

O Concílio libertou a liturgia do imobilismo contraditório. A rígida uniformidade anterior deu lugar a formas flexíveis que, sem prejuízo do fundo inalienável dos ritos, tornam possível uma celebração encarnada. O gênio próprio do povo e sua língua, o seu modo de expressão e de representação e a sua sensibilidade, a sua música, os seus instrumentos, o seu mundo intelectual – eis valores culturais chamados a contribuir ativamente para exprimir a vinda de Deus e a resposta do homem, na unidade simbólica do rito. A liturgia é por definição popular. É, pois, evidente a importância da Missa do morro para concretização dessas intenções mais profundas do Concílio e da aspiração por uma liturgia reconstituída nas fontes e da criatividade popular.¹¹

D. Timóteo apresentou suas ideias e seus ideais ao assumir a direção do Mosteiro de imediato, pautado no evangelho mais próximo da sociedade e suas carências fruto das discussões e normas aprovadas no Concílio Vaticano II, como a adaptação da Igreja às realidades locais, o evento é considerado *divisor de águas* das posturas adotadas pela Igreja católica no século XX.

Não é uma tarefa fácil, pensar novas possibilidades e atores que antecederam o abaciado do beneditino, algo inexplorado pelas biografias jornalísticas publicadas até então. As últimas pesquisas revelaram que o Mosteiro de São Bento da Bahia vinha tendo uma postura diferente no cenário baiano desde 1962. Nesse período era realizada aos domingos às 18H, uma missa, que era transmitida para toda a Bahia pela extinta rádio Cruzeiro, atual rádio Excelsior. A missa dominical reunia as principais lideranças da juventude católica soteropolitana. Nela eram discutidos temas polêmicos pelo Prior Dom Jerônimo de Sá Cavalcante. Desse meio surgiram líderes da esquerda católica e não-católica, movimentos sociais e sindicais de Salvador.

¹¹ ANASTÁCIO, D. Timóteo Amoroso, OSB. *Apresentação do disco Missa do Morro e cantigas da Boa Terra*, Rio de Janeiro, Philips; Companhia Brasileira de Discos, 1969, (Coleção de Pesquisa de Músicas Brasileiras).

Em junho de 1966 ocorreu à greve do Colégio Central em Salvador, o evento é considerado como a primeira grande manifestação estudantil contra o governo em Salvador, contudo este episódio desencadeou a primeira ação repressiva organizada do regime ditatorial contra o Movimento Estudantil na Bahia desde o golpe em 1964. A proibição da peça *Aventuras e desventuras de um estudante* foi o estopim da mobilização grevista que paralisou todo o colégio e acabou desencadeando em outros estabelecimentos de ensino secundário e universitários são alguns exemplos: a Escola de Eletromecânica e o Colégio Aplicação, as Escolas de Geologia, Teatro, Música e Filosofia da UFBA, além de entidades como União dos Estudantes da Bahia (UEB) e do Teatro Experimental de Feira de Santana (TEF).

Dando continuidade à postura atuante do Mosteiro de São Bento junto à juventude soteropolitana, D. Timóteo enquanto esteve na direção da abadia abriu ainda mais os espaços físicos e de diálogos da comunidade religiosa. Em Agosto de 1966, o religioso beneditino recebeu uma carta do Núncio Apostólico que abordava a denúncia de subversão que o Mosteiro vinha praticando. A resposta enviada pelo abade no mesmo mês trás com riqueza de detalhes quais as atividades que o Mosteiro de São Bento da Bahia vinha atuando. Dentre elas, destaca-se pela repercussão a liberação do teatro do Mosteiro para os ensaios de alunos do Colégio Central e pessoas ligadas ao Grupo de Teatro Amador da Bahia – GATEB para posterior apresentação neste espaço da polêmica peça: *Aventuras e Desventuras de um estudante* escrita pelo estudante do Colégio Central Carlos Sarno.

O documento esclarece que a autorização concedida por Dom Timóteo só foi realizada porque a peça teatral havia sido liberada por um inspetor do Colégio Central, a polêmica gerada em torno da atividade extraclasse ocorreu devido à proibição da direção do Colégio. Este fato só aconteceu por causa do texto da peça, o qual abordava a burocracia que o aluno passava desde o ingresso na instituição e várias denúncias de descaso e falta de comprometimento com a educação que o Colégio Central (e outras instituições) vinha realizando com o ensino público.

Feitos os devidos esclarecimentos, o Mosteiro continuou apoiando os estudantes, porém por pressões diversas Dom Timóteo recuou na apresentação da peça em nota pública no Jornal da Bahia no dia 20 de Agosto de 1966 o abade explicou melhor a situação:

... em face da ameaça de tumultos capazes de perturbar a encenação da peça, a pedir aos meus jovens amigos do Grupo de Teatro que suspendam o espetáculo que até que se levante a opressão que baixa sobre o nosso país neste crepúsculo de sua liberdade. Assim agindo, atendo especialmente, com a deferência merecida ao apelo do Exmo. Sr. Dom Eugênio Salles, Administrador Apostólico da Arquidiocese que me comunicou as suas apreensões a respeito. Não me sinto, por outro lado, com direito de expor os estudantes e a platéia a riscos de fácil previsão. Estando também, em vias de viajar ao estrangeiro para participar do Congresso geral dos abades da minha Ordem, sentir-meia constrangido e sem socêgo se deixasse entregues à sua própria sorte esses valorosos estudantes¹²

Enganou-se quem cogitou a possibilidade de recuo no diálogo do abade com a juventude soteropolitana, os laços e passos dessa relação de amizade foram estreitados ao longo do tempo, situação que preocupava o regime autoritário. Algumas vezes freqüentadores do Mosteiro denunciavam possíveis agentes infiltrados nas missas no Mosteiro beneditino, mostra que os religiosos e freqüentadores do Mosteiro passaram a ser vigiados de maneira atenta pelos militares.

A atuação de D. Timóteo com a população excluída de Salvador não se restringiu aos estudantes. A Missa do Morro aproximou o abade beneditino de diversas casas de candomblé, fazendo com que fosse iniciado o diálogo Inter-religioso na capital baiana. Essa ação foi mais progressista do que as propostas de diálogo Ecumênico Cristão recomendado pelo Concílio Vaticano II. É válido salientar a aproximação e amizade do religioso com o antropólogo Vivaldo Costa Lima, importante estudioso do candomblé na Bahia.

Em 1968, o golpe de 1964 completou quatro anos. Viviam-se uma ditadura militar, presidida por Costa e Silva, neste ano setores que tinham apoiado o golpe acreditando que os militares voltariam aos quartéis depois de destituir os civis e os supostos comunistas, já somavam forças junto à oposição, este é o caso de diversos seguimentos católicos. De outro ângulo, a oposição ao regime esteve envolvida fomentando o debate sobre as causas da derrota em 1964 e novas perspectivas de luta, a esquerda viveu um período intenso de cisões, rachas e fusões.

O “ano que não terminou”, como nomeou Zuenir Ventura, 1968, foi repleto de manifestações estudantis, iniciadas no mês de março com a morte do estudante carioca Edson Luis durante um protesto contra o Fechamento do Restaurante Universitário no Rio de

¹² Jornal *A Tarde*, 20 de Agosto de 1966.

Janeiro. A resposta ao brutal assassinato veio dias poucos dias após o acontecido, em proporções nacionais. Houve comoção na opinião pública e passeatas de protesto em diversas cidades, no dia 30 deste mês o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal da Bahia e a União dos Estudantes da Bahia deflagraram greve geral de protesto contra o assassinato do estudante. No mesmo dia houve uma concentração na Praça Castro Alves na qual ocorreu uma passeata com bandeira de luto pelas principais ruas do centro da cidade.

Deste dia em diante até o mês de Agosto de 1968, Salvador foi palco de inúmeros protestos, o governo militar parecia ter iniciado uma escalada de combate violento às manifestações. O primeiro indicativo disso foi o pronunciamento na TV do governador Luís Viana lamentando a morte do estudante carioca e solicitando aos estudantes para não irem às ruas “perturbar a vida da cidade”.

Como tentativa do governo de esvaziar a reação estudantil foi o fechamento das escolas públicas. Contudo houve mobilizações nas Faculdades da UFBA e passeata silenciosa rumo ao Restaurante Universitário. Lá os estudantes aprovaram uma Missa de 7º dia pela memória de Edson Luís. O evento foi celebrado no Mosteiro de São Bento, a cerimônia foi dirigida por D. Timóteo, a atividade contou com centenas de participantes: estudantes, artistas, intelectuais e outros setores sociais. A composição da multidão presente demonstra que o protesto não ficou restrito ao Movimento Estudantil – ME de Salvador.

Por diversos motivos, muito bem explicitados pelo historiador Antonio Maurício Freitas Brito *em Salvador em 1968: um breve repertório de lutas estudantis universitárias*¹³, de março a agosto de 1968 a UFBA esteve em greve, o movimento estava bastante organizado com diversas comissões, com destaque para a de comunicação, financeira e de segurança.

O início de Agosto de 1968 seria marcado pelo retorno das aulas dos universitários da UFBA, contudo novamente o Movimento Estudantil se manifestou diante da prisão de Wladimir Palmeira – considerado o mais importante líder estudantil do ME carioca. Houve diversas manifestações nas capitais do país. Em Salvador a mais violenta ocorreu no dia 6, o

¹³ BRITO, Antonio Maurício Freitas. *Salvador em 1968: um breve repertório de lutas estudantis universitárias*. In: *Ditadura Militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes*. ZACHARIADHES, Grimaldo (Org.) – Volume I Salvador, Edufba, 2009.

que deveriam ser manifestações estudantis, e a essa altura dos acontecimentos de outras categorias trabalhistas também, transformou o centro da cidade em uma verdadeira praça de guerra, de um lado das “trincheiras” os militares, do outro em sua maioria estudantes desarmados.

O resultado foi dezenas de feridos, prisões de estudantes e jornalistas, tiros para o alto, bala perdida atingindo a Assembleia Legislativa e uma bala acertada em Júlio Pavese, aluno do curso de Ciências Sociais. Impactados com a repressão, os jovens se dispersaram e reorganizaram-se na Reitoria e no Restaurante Universitário. Cerca de 100 estudantes fizeram um plantão na Clínica e acompanharam o estado de saúde do colega baleado. Professores de Medicina também prestaram assistência. Houve doação coletiva de sangue para o estudante. Em resumo: a violência da polícia reforçou laços de solidariedade ao ME. (BRITO, 2009: 105)

Os estudantes não estavam dispostos a ceder, os jornais já apontavam queda de 40% de prejuízo no Comércio referente às vendas em comemoração ao Dia do Papai daquele ano. Novos embates ocorreram no dia 8, o Professor Riolan Coutinho Catedrático da Escola de Belas Artes foi espancado e jogado em um caminhão com dezenas de pessoas, alguns destas menores de idade. Diante de tanta selvageria policial e das dificuldades geográficas para fugas nas ruas do centro da cidade onde ainda hoje são realizados protestos, dezenas de estudantes foram encurralados pelos policiais, alguns deles só tiveram apenas uma opção: pedir refúgio no Mosteiro de São Bento. Enquanto os estudantes se encaminhavam para uma rua atrás do Mosteiro, os policiais invadiram o recinto.

Desta oportunidade os policiais não respeitaram a Igreja nem tampouco atenderam aos apelos de D. Timóteo Anastácio, que solicitou aos invasores um mandado para a vistoria em busca de estudantes. Os policiais invadiram o monastério e o templo, espancaram e prenderam alguns estudantes. Durante a Invasão¹⁴, jovens moças se esconderam dentro das celas do claustro, algo intolerável pela Igreja Católica, sujeito à duras penas eclesiásticas e até mesmo a excomunhão. Um dos monges beneditinos recorreu à regra da Ordem para levar o ocorrido às autoridades eclesiásticas. D. Timóteo justificou através da própria regra de São Bento e dos ensinamentos cristãos, que não deve ser negado o direito de asilo a quem está desassistido,

¹⁴ Invasão do Mosteiro de São Bento de Salvador em 9 de Agosto de 1968 noticiada pelos jornais A TARDE e JORNAL DA BAHIA.

afirmou que pecado maior teria sido não acolher aqueles (as) estudantes. O temor do abade humanitário tinha fundamentos já que em tiro foi disparado dentro do Mosteiro.

A invasão do Mosteiro virou alvo de críticas, a atitude provocou profundo repúdio da população. No dia seguinte o abade foi a Secretaria de Segurança Pública Baiana solicitar a libertação dos estudantes, o religioso beneditino solicitou a libertação de menores que encontravam sob custódia. No decorrer deste dia D. Timóteo Anastácio presidiu uma reunião da Escola de Teatro da UFBA junto com estudantes, intelectuais, professores e artistas para um Ato político de protesto.

Enquanto os ânimos eram abrandados após uma semana tumultuada tendo o próprio ME baiano decidido pela suspensão temporária dos protestos de rua. Alguns pais tiveram o seu dia mais festivo ao receberem seus filhos, rapazes e moças que ficaram escondidos no Mosteiro por três dias após a invasão do recinto, ilesos (as) puderam retornar à suas famílias. Estes jovens só puderam sair após três dias porque o Mosteiro estava sendo vigiado, houve um verdadeiro cerco pelos militares, a saída dos estudantes só foi possível durante a saída dos frequentadores e fiéis após a missa das 18H, que tradicionalmente enchia o templo, o que possibilitou a fuga dos jovens.

O regime militar apenas endureceu nos anos seguintes, como resposta imediata às manifestações por todo o país foi promulgado o Ato Institucional Nº5 em dezembro de 1968, durante o período que vigorou foi iniciado o período de maior dificuldade de mobilizações de estudantes e trabalhadores no país: mortes, tortura e terror foram institucionalizados pelo governo ditatorial como forma de manutenção da ordem. Contudo, este foi o período que vozes do Clero progressista baiano puderam falar pelos excluídos e marginalizados de Salvador.

REFERÊNCIAS

- Azzi, Riolando BEOZZO, José Oscar. Os religiosos no Brasil: enfoques históricos. São Paulo, Paulinas, 1986.
- BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BRITO, Antonio Maurício Freitas. Salvador em 1968: um breve repertório de lutas estudantis universitárias. In: Ditadura Militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes. ZACHARIADHES, Grimaldo (Org.) – Volume I Salvador, Edufba, 2009.ESPIÑERA, Maria Victória. *O Partido, a Igreja, e o Estado nas Associações de Bairros*, Salvador, EDUFBA - Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 1997, pp. 43-63.
- FERREIRA, M. de M. Amado, J. (Orgs.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, 2001.
- GUERRA, Guido. A noite dos coronéis: entrevistas/ Volume I - Salvador: Academia de letras da Bahia, Assembleia Legislativa do estado da Bahia, 2005
- OLIVEIRA, Fabiano. *Dom Timóteo: a força de um abade amoroso* – Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2009, pg. 145.
- OLIVEIRA. Waldir Freitas. Colégio Antônio Vieira: 1911-2011: vidas e histórias de uma missão jesuíta / Waldir Freitas Oliveira, Edilece Souza Couto – Salvador, Edufba, 2011.

SIMÕES, Solange. *Deus, Pátria e Família – As Mulheres no Golpe de 64*. Petrópolis, Editora Vozes, 1985.

TAVARES, Eduardo Diogo. *O milagre de D. Amoroso ou como D. Timóteo, abade do Mosteiro de São Bento, venceu legiões de hereges*, Salvador-Bahia, P&A Gráfica e Editora, 1995.

THOMPSON, P. A *Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: 1992.

VENTURA, Zuenir. 1968: O ano que não terminou – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.)

ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (Org.). *Ditadura Militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes*– Volume I Salvador, Edufba, 2009.

_____. CEAS: Jesuítas e o Apostolado Social durante a ditadura militar. Salvador: Edufba, 2009

Artigos:

Agostini, Nilo. A Doutrina Social da Igreja e problemas de nosso tempo. Texto publicado no livro *Ética cristã e desafios atuais*, Petrópolis, Editora Vozes, 2002, p. 201-255 (esgotado). Disponível em http://www.niloagostini.com.br/artigos/2010/pdf/15_180510_social.pdf

BEOZZO, José Oscar *Dom Helder Camara e o Concílio Vaticano II*. Disponível em: <http://www.socialismo.org.br/portal/historia/149-artigo/375-dom-helder-camara-e-o-concilio-vaticano-ii> Acessado em 18 de Setembro de 2011.

BOFF, Leonardo. *Quarenta anos da Teologia da Libertação*. Disponível em: <http://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao>. Acessado em 17 de Outubro de 2011.

FERREIRA, Muniz Gonçalves. *O Golpe de Estado de 1964 na Bahia*. Clio, Revista de Pesquisa Histórica, nº22,2003. Disponível em http://www.fundaj.gov.br/licitacao/observa_bahia_02.pdf Acessado em 5 de Julho de 2011.

FICO, Carlos, *Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar* Revista Brasileira de História, SP, v. 24 nº 47 – Disponível em: scielo.br. Acessado em 05 de Julho de 2011.

OLIVEIRA, Marcus Roberto. *A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e a ação política na conjuntura do golpe de 1964* – Disponível - scielo.br Acessado em 05 de julho de 2011.

(Dissertações e Teses relacionadas)

ALVES, José Dias. *A subversão da ordem: manifestações de rebeldia contra o regime militar na Bahia (1964-1968)* - 2001.

ALVES, Solange Dias de Santana. *A Igreja Católica na Bahia fé e política* – 2003.

ARAÚJO, Célio Roberto de. *O voto, o terço e as armas: atuação política da Igreja Católica do golpe de 1964* – 2008.

BENEVIDES, Silvio C.S . *Proibido proibir – Uma geração na contramão do poder*, 1999.

BISPO, Antônio Maurício Freitas. *O golpe de 1964, o movimento estudantil na UFBA e a resistência à ditadura militar* – 2008.

COSTA, Iraneidson Santos. *Que papo é esse? Intelectuais religiosos e classes exploradas no Brasil (1974-1985)* – Doutorado, 2007

Periódicos:

CADERNOS DO CEAS: 25 anos de caderno CEAS – Periódico: Março/Abril 1994 páginas 14-23; Nº 69, Salvador, 1980, CEAS – Periódico: setembro/outubro, páginas 09-24. Nº27 páginas 37-59, CEAS – Periódico: outubro 1973.

REVISTA DA BAHIA. *Amoroso, D. Timóteo Anastácio: Depoimento*. Sahada Mendes, Carlos Sarno, José Henrique Barreiro e Gustavo Fálcon. Periódico: 12 de maio – 1989, encarte, página 10.

Documentos:

Regra do glorioso Patriarca São Bento. Tradução e Notas de Dom João Evangelista Enout, OSB. Acessado em 6 de Junho de 2012, disponível em <http://www.osb.org.br/regra.html>.

ANASTÁCIO, D. TIMÓTEO AMOROSO, OSB. Apresentação do disco Missa do morro e cantigas da Boa Terra, Rio de Janeiro, Philips; Companhia brasileira de discos, 1969, (Coleção Pesquisa de músicas brasileiras).

_____, DOM TIMÓTEO AMOROSO. *A Flauta de Deus*, EGBA, 1990, 190 páginas.

_____. O fruto do tempo in Rocha, D. Paulo ET alli. *400 anos do Mosteiro de São Bento da Bahia* – Construtora Norberto Odebrecht S/A, Salvador 1982, páginas 10-12.